



ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Lula corre o país para turbinar candidaturas

Esforço tenta conter o avanço do bolsonarismo em importantes centros, a fim de que não ameace o projeto de reeleição do presidente

» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva vai jogar pesado para fortalecer os pré-candidatos que apoiará nas eleições municipais de outubro. A estratégia, que passa pela intensificação de viagens pelos estados, tem dois objetivos: o primeiro é evitar o avanço dos nomes apoiados por Jair Bolsonaro e o segundo é impedir que vençam em centros importantes — que abrem a possibilidade de que a oposição e a extrema direita possam formar palanques fortes, que coloquem em risco a estratégia do petista de buscar a reeleição, em 2026.

A intensificação dos giros pelo país não é coincidência: a partir de 5 de julho, candidatos às prefeituras não podem mais participar da inauguração de obras públicas, conforme previsto na Lei Eleitoral. Isso explica por que Lula visitou oito cidades nas últimas duas semanas — apenas no Rio de Janeiro esteve duas vezes —, levando aliados aos eventos de que participou e concedendo entrevistas a rádios locais. Para esta semana, outras quatro viagens estão programadas até quarta-feira.

Mas a estratégia de Lula requer alguns cuidados. Já disse que não entrará em “bolas divididas” com as siglas que têm assento no ministério, nas cidades onde petistas disputam com PDT, PSD ou União Brasil. O foco das intervenções do presidente são aqueles que chama de “negacionistas”.

A série de viagens começou em 19 de junho. Lula foi ao Rio de Janeiro para a posse de Magda Chambriard na presidência da Petrobras, mas assinou também uma concessão de crédito da Caixa e do Banco do Brasil à prefeitura carioca. Eduardo Paes (PSD), que busca a reeleição, tem o apoio do presidente, que trabalha contra a candidatura do deputado federal Alexandre Ramagem (PL-RJ), apoiado por Bolsonaro e os filhos.

O presidente retornou ao Rio na sexta-feira e, ao lado de Paes, inaugurou obras na Favela do Aço. Lula, porém, mantém equidistância da formação da chapa na capital fluminense — o PT pleiteia a vaga, mas o prefeito quer o deputado federal Pedro Paulo, também do PSD.

Paulo Pinto/Agência Brasil



Presidente cumprimenta Marta (sob o olhar de Boulos) no palanque, em São Paulo. Ação para impedir que a extrema direita ganhe espaço

Em 20 de junho, Lula esteve em Fortaleza, onde o PT tem o deputado estadual Evandro Leitão como pré-candidato. Porém, o presidente deve se isentar de conceder apoios — pelo menos explicitamente. Isso porque seu partido é adversário do PDT, que pretende lançar José Sarto, e o União Brasil — que tem ministério na Esplanada — virá com Capitão Wagner (União). Isso, porém, não impedirá que ministros se envolvam na disputa, como o da Educação, Camilo Santana, que deve abraçar a candidatura de Leitão.

No dia 21, Lula foi a Teresina e a São Luís. Na capital piauiense, pela primeira vez, o PT tem um candidato com grandes chances de assumir a prefeitura: Fábio Novo é apoiado pelo governador Rafael Fonteles, também petista. O adversário a ser batido é Sílvio Mendes

(União Brasil), aliado de Bolsonaro. Em São Luís, o presidente subiu no palanque com o deputado federal Duarte Jr. (PSB-MA), que competirá com o atual prefeito, Eduardo Braide (PSD).

Na última quinta-feira, Lula iniciou um giro por Minas Gerais para enfraquecer as movimentações do governador Romeu Zema (Novo), seu adversário declarado. Começou a andança por Contagem — onde apoia a reeleição da prefeita Marília Campos — e passou por Belo Horizonte, cuja candidatura ao comando do município deve ser a do deputado federal Rogério Correia (PT-MG). Na sequência, seguiu para Juiz de Fora, a fim de turbinar a reeleição de Margarida Salomão. Nas Alterosas, Lula ainda manifestou apoio ao presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD), “a

qualquer coisa que ele queira disputar” em 2026 — como frisou em mais uma entrevista de rádio.

Palanque

Ontem, o presidente participou do lançamento da pedra fundamental do campus Zona Leste da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e do campus Cidade Tiradentes do Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Levou uma parte expressiva do seu ministério — com ele estavam os ministros Fernando Haddad (Fazenda), Camilo Santana (Educação), Jáder Filho (Cidades), Paulo Teixeira (Desenvolvimento Agrário), Laercio Portela (Secretaria de Comunicação), além do vice-presidente e ministro da Indústria Geraldo Alckmin — e abriu espaço no palanque para o pré-candidato à

» Inclusão do pobre na escala social

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou, ontem, que é importante colocar o povo mais humilde para subir um degrau na escala social. Ele disse que quer governar o país para os empresários “porque geram emprego, salário, consumo e comércio”. “Mas é importante colocar o povo mais humilde para subir um degrau na escala social, e isso só se faz com a educação”, observou, no lançamento da pedra fundamental do campus Zona Leste da Unifesp e do campus Cidade Tiradentes, do Instituto Federal de São Paulo. Lula fez um discurso político, explorando pontos da própria biografia para se aproximar da realidade dos moradores da Zona Leste. “Não sou pai dos pobres, sou um pobre que chegou à presidência da República por causa dos pobres que me elegeram”, frisou.

prefeitura paulistana, Guilherme Boulos (PSol), e sua vice, Marta Suplicy. São Paulo é de vital importância para os planos de Lula e o jogo será pesado para impedir a reeleição de Ricardo Nunes — apoiado por Bolsonaro. Para o governo federal, o estado e a capital não podem ser bastiões do bolsonarismo e da extrema direita para 2026.

Nesta semana, o presidente retorna ao Nordeste, onde passará pela Bahia e por Pernambuco, mas é em Goiás, na próxima quinta-feira, que está a preocupação. Lula vai confirmar o apoio à delegada Adriana Accorsi (PT) à prefeitura de Goiânia e trabalhar para impedir que o deputado federal bolsonarista Gustavo Gayer (PL) e algum candidato apoiado pelo governador Ronaldo Caiado (União) avance. **(Colaborou Fabio Grecchi)**

NAS ENTRELINHAS



Por **Luiz Carlos Azedo**
luizazedo.df@dabr.com.br

Para não sucumbir, Lula precisa adaptar-se à nova realidade

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva completa hoje 546 dias de governo, 34 dias a menos do que o período em que esteve preso em Curitiba. São, portanto, 78 semanas, quase 18 meses e pouco menos do que um ano e meio de poder. Ao contrário de seus governos anteriores, divide o protagonismo político da nação com um Congresso conservador, que muitas vezes lhe dá uma invertida; um ex-presidente capaz de lhe fazer oposição de massas, o que antes era uma quase exclusividade do petismo; e governadores adversários — em São Paulo, Tarcísio de Freitas (PR); Minas Gerais, Romeu Zema (Novo); Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil); e Paraná, Ratinho Jr. (PSD).

A menos de 100 dias das eleições municipais, que se caracterizam por fortes disputas locais, o que se vê é uma tendência de polarização nas grandes cidades, protagonizada por Jair Bolsonaro, que está inelégível e precisa manter seu poder de influência elegendo o maior número possível de prefeitos aliados. Ao contrário, Lula pisa em ovos para não confrontar interesses locais de aliados poderosos, o que significa abrir mão de

candidaturas petistas em muitas cidades, algumas de muita projeção nacional, como São Paulo — onde apoia Guilherme Boulos (PSol) — e Rio de Janeiro — vai de Eduardo Paes (PSD), o atual prefeito, que busca a reeleição. Se no âmbito nacional a polarização o beneficia, nas eleições municipais o atrapalha.

Será inevitável um balanço geral do ambiente político após as eleições e um ajuste de rota do governo, talvez até uma mexida forte na equipe ministerial — o que Lula tenta evitar —, mesmo em casos como o do ministro das Comunicações, Juscelino Filho (União Brasil), indiciado pela Polícia Federal (PF) por suspeita de desvio de verbas de emendas do Orçamento da União.

Quando Lula decidir se disputará ou não a reeleição, lá pelos mil dias de governo, um dos fatores que pesarão na balança será o resultado das eleições presidenciais dos Estados Unidos. Não por acaso, já manifestou apoio incondicional à reeleição do presidente Joe Biden.

As eleições americanas são para Lula o que os manuais de planejamento estratégico chamam de externalidade,

uma variável que não depende do seu governo. Se Biden for reeleito, será positiva (oportunidade) e o assessor especial para relações internacionais Celso Amorim poderá continuar flertando com o antiamericanismo. Porém, será negativa (ameaça) caso Donald Trump continue favorito e vença a eleição, porque seu apoio ao candidato de Bolsonaro será inequívoco e ostensivo. A águia americana tem asas longas e voa longe, mas seu rumo dependerá desse resultado.

O debate eleitoral entre Biden e Trump mostrou que as eleições americanas representam uma ameaça para o governo Lula. O atual presidente dos EUA, que isolou o líder russo Vladimir Putin em praticamente todo o Ocidente e tenta conter o avanço da China na economia global, era um homem acua-do, hesitante, com falhas de raciocínio e frases desconexas ou incompletas.

Mesmo com todas as mentiras de Trump, seu desempenho deixou em pânico os democratas e acendeu uma luz amarela nas chancelarias de seus aliados. Além disso, as pesquisas dão resiliente vantagem para Trump. Lula precisa considerar esse cenário.

Fortuna e virtude

O *The New York Times*, em editorial, traduziu as preocupações do

establishment norte-americano: “Para servir este país, o presidente Biden deveria deixar a corrida”. Aos 81 anos, porém, ele não jogou a toalha e resistiu às pressões para abandonar a reeleição. Repete o roteiro dos que não querem se retirar antes de o sol se pôr: “Sei que não sou mais um jovem. Não caminho com tanta facilidade, não falo com tanta fluidez, não debato tão bem quanto antes, mas sei o que sei: como dizer a verdade”, disse no dia seguinte, na Carolina do Norte. “Dou a vocês minha palavra. Não voltaria a me candidatar se não acreditasse, com todo o meu coração e minha alma, que posso fazer esse trabalho”, completou.

Trump, com 78 anos, é apenas três anos mais jovem, mas aparenta muito vigor físico e rapidez de raciocínio, ainda que minta muito, tenha ideias estapafúrdias e agenda reacionária.

“Aquele que não sabe adaptar-se às realidades do mundo sucumbe infalivelmente aos perigos que não soube evitar. Aquele que não prevê a consequência dos seus atos não pode conservar os favores do século”, diz o Grão Vizir para sua filha, a princesa Sherazade, em “O pescador e o gênio”, do clássico da literatura árabe *As mil e uma noites*. A obra anônima reúne contos populares do Oriente Médio e do Sul da Ásia, entre os quais as histórias de Aladim e a lâmpada mágica e Ali Baba e os 40 ladrões.

Uma vez por mês, num domingo à noite, o ex-prefeito Gilberto Kassab, presidente do PSD, reúne um grupo de políticos de diversas tendências para jantar em sua casa, entre os quais velhas raposas do Congresso. Nessas reuniões, discute-se conjuntura e se fazem diagnósticos, que dias depois começam a circular em conversas com outros políticos e jornalistas.

No último encontro, chegou-se a quatro conclusões: o governo Lula lida com um Congresso rico e poderoso, que inverteu a relação de dependência com o Executivo; seu ministério é um arquipélago político, no qual cada ministro cuida do seu quintal; a narrativa do governo está descolada das redes sociais, que hoje formam a opinião política da sociedade; e o cenário intencional carrega incertezas econômicas e políticas com as quais Lula não está sabendo lidar.

Como aquele príncipe que já não pode contar com muita fortuna diante da mudança de conjuntura, Lula dependerá muito mais das próprias virtudes para manter-se no poder. A propósito, *O Príncipe*, de Nicolau Maquiavel, clássico dos clássicos da política e publicado em 1532, está entre os livros mais vendidos da semana. Trata, fundamentalmente, de como chegar, exercer e manter o poder. Vale a pena a edição comentada por Napoleão Bonaparte e Cristina da Suécia.